

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Democracia de Entretenimento: Como se Adormece um Povo em Horário Nobre

Publicado em 2026-03-25 21:32:13



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O serviço público de rádio e televisão é financiado maioritariamente pela Contribuição para o Audiovisual paga pelos consumidores.
- A televisão portuguesa vive saturada de entretenimento repetitivo, concursos, culinária e comentário desportivo sem fim.
- O excesso de ruído e distração empobrece a esfera pública e enfraquece o apetite por reflexão séria.
- Uma democracia degradada não precisa de censurar: basta-lhe cansar, distrair e infantilizar.
- O problema não é apenas televisivo — é cultural, político e civilizacional.



Adormece um Povo em Horário Nobre

Não é preciso fechar jornais nem prender opositores para enfraquecer uma democracia. Muitas vezes basta encher os ecrãs de barulho, trivialidade e distração até que um povo se esqueça de pensar.

Portugal foi-se habituando, devagar, quase sem dar por isso, a uma forma particularmente moderna de domesticação colectiva. Não se trata já da censura clássica, da proibição grosseira ou da mordada oficial de outros tempos. Trata-se de algo mais subtil, mais confortável e talvez mais eficaz: a construção paciente de uma cultura pública baseada na distração contínua, no ruído fácil, na banalidade repetida e na infantilização do olhar.

Enquanto se continua a invocar a palavra “democracia” com solenidade quase litúrgica, o que se oferece diariamente a um povo inteiro é uma dieta mental de baixíssima exigência: concursos para narcotizar, reality shows para

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É aqui que o problema deixa de ser televisivo e passa a ser civilizacional. Porque um país não é apenas aquilo que produz, vota ou exporta. É também aquilo que cultiva no imaginário colectivo. É aquilo que coloca, noite após noite, diante dos olhos da população. É aquilo que considera digno do tempo comum. E quando esse tempo comum é colonizado pelo espectáculo do fútil, pela repetição do acessório e pela glorificação da irrelevância, a democracia não amadurece: apodrece.

Entreter até à passividade

Há regimes que controlam pela força. Outros controlam pela dependência. Os mais sofisticados controlam pelo entretenimento. Não precisam de proibir a lucidez; basta-lhes afogá-la. Não precisam de impedir a reflexão; basta-lhes substituí-la por estímulo constante. Não precisam de calar a inteligência; basta-lhes criar um ambiente cultural em que a inteligência pareça deslocada, cansativa ou elitista.

É isso que sucede quando a televisão se transforma quase inteiramente num mecanismo de dispersão. O cidadão deixa de ser tratado como consciência e passa a ser tratado como consumidor de impulsos. Já não se lhe pede atenção, pede-se reacção. Já não se lhe oferece pensamento, oferece-se

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

por perder musculatura interior. Fica menos disponível para leitura longa, menos interessada em debate sério, menos capaz de suportar complexidade, mais vulnerável a slogans e a simplificações. A televisão, que poderia ser uma escola complementar de cidadania, converte-se assim num ginásio de passividade.

O escândalo do serviço público pago pelo povo

A questão torna-se ainda mais grave quando entra em cena o serviço público. Porque aí já não estamos apenas a falar de escolhas comerciais privadas, por mais discutíveis que sejam. Estamos a falar de uma estrutura financiada directa ou indirectamente pelo esforço dos contribuintes. E isso muda tudo. Quem paga tem o direito de exigir mais do que ruído elegante ou banalidade com logótipo institucional.

Quando um povo financia um serviço público de comunicação, não o faz para receber uma versão respeitável da mesma anestesia cultural que inunda os outros canais. Fá-lo, ou deveria fazê-lo, para garantir uma oferta que ajude a elevar o espaço comum: mais conhecimento, mais exigência, mais cultura, mais pluralismo sério, mais inteligência cívica. Se o dinheiro do cidadão serve apenas para alimentar uma máquina que mistura serviço ocasional com muita espuma e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

regime. Cobra-se ao povo em nome do interesse colectivo, mas demasiadas vezes entrega-se ao povo uma televisão que o trata como plateia fatigada, não como comunidade de cidadãos. Uma televisão que entretém muito, esclarece o suficiente para cumprir tabela e raramente desafia o país a ser mais do que aquilo em que se foi deixando cair.

Reality shows, culinária e futebol: a nova catequese da irrelevância

Os formatos mudam, os cenários renovam-se, os apresentadores rodopiam, mas a lógica profunda permanece quase intocável: manter o olhar ocupado, a atenção fragmentada e o espírito domesticado. Reality shows vendem conflito sem substância. Concursos vendem excitação sem elevação. Programas de culinária transformam o quotidiano em espectáculo neutro, agradável e inofensivo. Horas sem fim de futebol oferecem a paixão tribal perfeita para substituir qualquer conversa séria sobre o país real.

Claro que nenhum destes géneros é, por si só, um crime cultural. O problema está na desproporção, na saturação, no desequilíbrio obsceno entre o que distrai e o que forma. Um povo também precisa de lazer. Mas quando o lazer coloniza quase toda a paisagem mediática, deixa de ser repouso para

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

quase tudo se comenta, mas pouco se compreende; onde há sempre assunto, mas raramente pensamento; onde o país real, com os seus salários anémicos, hospitais esgotados, escolas fatigadas, corrupção persistente, decadência institucional e mediocridade política, vai sendo empurrado para as margens do ecrã enquanto o centro é ocupado pelo espectáculo da distração.

Uma democracia que prefere plateias a cidadãos

Talvez seja esta a verdade mais dura: o sistema parece cada vez menos interessado em formar cidadãos e cada vez mais empenhado em gerir plateias. O cidadão pensa, compara, exige, interroga. A plateia reage, cansa-se, distrai-se e volta no dia seguinte para mais uma dose. A democracia autêntica precisa do primeiro. O regime de aparência sobrevive muito melhor com a segunda.

Por isso não espanta que a degradação da programação ande de mãos dadas com a degradação da vida pública. Uma alimenta a outra. A cultura da superficialidade mediática prepara o terreno para a superficialidade política. A banalização do ecrã ajuda a banalizar o poder. O povo habituado ao ruído torna-se mais permeável ao absurdo. E

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Basta a convergência cómoda entre interesses comerciais, preguiça intelectual, cobardia editorial e um sistema político que, no fundo, não tem grande vontade de enfrentar uma esfera pública demasiado lúcida. Um povo cansado, disperso e entretido é sempre mais manejável do que um povo culto, atento e interiormente armado.

O país real está algures fora do estúdio

Entretanto, o país real continua lá fora. Continua a levantar-se cedo, a correr para transportes saturados, a enfrentar filas em hospitais, a sobreviver com salários humilhantes, a ver os filhos mergulhados numa cultura cada vez mais frágil e a assistir, entre o cansaço e a impotência, a um teatro mediático que tantas vezes parece desenhado para o distrair da própria condição.

Esse país real não aparece com a frequência que merece. Não cabe bem na gramática da ligeireza. Exige tempo, contexto, trabalho jornalístico, densidade humana e coragem de mostrar o essencial sem cosmética. Exige aquilo que dá mais trabalho e rende menos aplauso instantâneo. Exige, no fundo, respeito.

E o respeito é hoje uma das coisas mais raras em televisão. Respeitar o público seria acreditar que ele pode

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

companhia e transforma-se em instrumento de rebaixamento cultural.

É preciso voltar a chamar as coisas pelo nome

Chegou o momento de dizer o óbvio sem medo de parecer excessivo: uma democracia que se alimenta de cidadãos desatentos, superficialmente entretidos e culturalmente desarmados começa a afastar-se perigosamente da sua promessa original. Pode manter eleições, parlamentos, comentadores e cerimónias oficiais. Pode conservar toda a cenografia institucional. Mas, por dentro, começa a parecer cada vez mais uma administração de sonâmbulos.

Não se trata de defender uma televisão sisuda, pedante ou monástica. Trata-se de exigir equilíbrio, dignidade, exigência, inteligência e missão. Trata-se de recusar a ideia de que o povo só aguenta aquilo que o empobrece. Trata-se de afirmar, contra a corrente, que uma nação merece mais do que ser tratada como mercado de estímulos ou rebanho de audiência.

Um povo habituado a engolir o absurdo em horário nobre acaba por se habituar a engolir o absurdo também na política, na economia, na justiça e na própria vida. E esse

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal não precisa apenas de melhores governantes. Precisa de uma reconstrução da sua ecologia cultural. Precisa de meios de comunicação que voltem a tratar o público como inteligência viva e não como reflexo condicionado. Precisa de serviço público que honre verdadeiramente o nome que carrega. Precisa, sobretudo, de voltar a acreditar que o povo merece mais do que entretenimento para suportar a decadência.

Porque a degradação de um país começa muitas vezes por parecer inofensiva. Entra pela sala de estar sem pedir licença. Ri-se, cozinha, grita golo, elimina concorrentes, faz barulho, ocupa tempo e chama-se normalidade. Quando damos por isso, já não temos diante de nós uma televisão: temos um método de adormecimento colectivo.

Quando um regime substitui cidadania por entretenimento e pensamento por barulho, já não educa um povo livre — treina uma plateia obediente.

Referências

RTP — Plano de Actividades e enquadramento do financiamento por Contribuição para o Audiovisual.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

gastronomia e desporto como ilustração da oferta disponível.


Francisco Gonçalves


Para o **Fragmentos do Caos**

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)

 **Fragmentos do Caos:** [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)